5.º ANO — LISBOA—QUINTA-FEIRA, 6 DE AGOSTO DE 1925 — N.º 1327

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

DO comandante sr. Philemon de Almeida, ex-ministro das Colonias no governo Antonio Maria da Silva, recebemos a seguinte carta:

Sr. director: — Como velha regra, ha muito por mim seguida, não costumo vir á imprensa confirmar, aclarar ou desmentir o que, sob o ponto de vista politico, nela se diz a meu respeito.

Com a ligeireza com que em Portugal se fala e escreve sobre os homens publicos, atribuindo-se-lhes, muitas vezes, frases, gestos e atitudes que nunca proferiram ou jamais tiveram, seria mesmo uma incomportavel maçada se eles se julgassem obrigados a ratificar, diariamente, em letra redonda, tudo o que de inexacto se lhes atribui.

Ha, porém, excepções. E, presentemente, encontro-me envolvido em um caso que me obriga a quebrar tal norma de proceder.

Foi o seu interessante jornal o primeiro a dar curso a uma frase como por mim pronunciada em um almoço no Estoril.

Tal frase foi, depois, repetida e comentada no resto da imprensa e dizem-me que serviu nos orgãos realistas para condimentar injustos e violentos artigos em que se procurou ferir a Republica.

Ora, *por isso e só por isso*, eu quero dizer-lhe que não pronunciei tais palavras, nem quaisquer outras cujo significado fôsse igual ou semilhante.

Todos os que assistiram a esse almoço o sabem e todos os que me conhecem acreditam que eu, em nenhuma hipotese, engeitaria palavras que um dia tivesse proferido.

Esperando dever-lhe o obsequio da publicação desta carta, que constitui um formal desmentido a tais afoitezas — Sou de v., etc. *Philemon d'Almeida.*

De sciencia certa sabemos que o ilustre signatario desta carta se limitou a classificar de infeliz o telegrama de Belem, declarando que ficára magoado com ele, quer como membro do Directorio do P. R. P., quer como membro do governo, sendo até esta a razão por que, convidado a entrar para o actual ministerio, não aceitou, visto achar-se inibido, enquanto o Chefe do Estado se não dignasse explicar a sua intenção.

* * *

UMA americana que trabalha no *Moulin Rouge* — pertence ao grupo gentil e saudavel das *Hoffman-Girls* — finda a representação da revista *New-York—Montmartre*, dirigiu-se tranquilamente para casa.

Um atrevido qualquer abordou-a, com singular desenvoltura, deu-lhe um abraço e iniciou uma conversa que não transpoz as primeiras palavras, visto que a sua interlocutora lhe atirou á cara uma tal bofetada que ele perdeu logo o dom da eloquencia.

Emquanto apanhava o chapeu, ela disse-lhe piedosa:

—«Abotôe o sobretudo que se pode constipar!»

* * *

NEVES de Carvalho lançou no mercado — edição da Livraria Pacheco — o seu romance *Familia Provinciana*, que podemos considerar o melhor dos seus trabalhos, pela invenção, composição e redacção. Brevemente lhe daremos a atenção que merece.

* * *

VAI ser nomeado director da «Agencia Radio» o nosso presado camarada Luis Derouet, jornalista distincto, republicano desde o banco das escolas e director da Imprensa Nacional, onde a sua acção se tem feito sentir de forma inegualavel.

JORNALISMO

Os jornalistas... Eis os modernos pioneiros de todas as grandes ideias, os cavaleiros andantes de todas as actuais quimeras!

Os jornalistas... São quasi todos intrepidos, aventurosos, leais. São quasi todos desinteressados, generosos, nobilissimos. Ha-os de uma tão imperturbavel galhardia que poderiam reivindicar o lema glorioso de Bayard. Ha os de uma tão fogosa imaginação que partiriam em combate contra os moinhos de vento se não tivessem a contê-los o bom senso de Sancho Pança O qual bom senso é, providencialmente, substituido pelo criterio positivo e pratico dos directores dos jornais.

Desmoulins desencadeou contra a Bastilha, até a ver por terra, a trovoada do seu genio; Emilio de Girardin deu á imprensa, pela criação do jornal barato, toda a sua maravilhosa influencia actual; Rochefort abalou o segundo imperio aos golpes da sua ironia divina.

E, entre nós, o quasi lendario Sampaio, o astuto Mariano, o admiravel João Chagas da nossa mocidade — que soube popularisar a ideia de uma Republica triunfante, impondo-a como um resgate ao sentimentalismo de todo um povo — tiveram, como aqueles o genio que cria, que destroe, ou orienta e transforma...

* * *

Os jornalistas são assim. As suas paixões sintetisam a nossa epoca, os seus artigos agitam todos os problemas, todas as anciedades — as suas ideias governam o mundo.

Fala-se por vezes na modesta categoria de muitos, fala-se na extrema curiosidade de todos. Mas são esses homens modestos que consagram todas as virtudes, que prodigalisam — pelos dois hemisferios — todas as honras e todas as glorias. E a curiosidade dos jornalistas — reflexo consciente das grandes curiosidades colectivas — é bem compreensivel depois que o curioso Newton estabeleceu as leis da gravitação universal, depois que o curioso Colombo chegou um dia á America.

Mas, em resultado dessa curiosidade, que é uma virtude profissional, os jornalistas são quasi sempre indiscretos: e aqui temos o mais geral, o mais comprovado e o mais temido dos seus defeitos — a sua indiscreção.

Debalde o sr. Stéphane Lauzanne, no interessante livro *Sa Magesté la Presse*, que acaba de publicar em Paris, tenta provar que essa proverbial indiscreção dos jornalistas é mais uma qualidade que os recomenda.

Debalde o ilustre redactor do *Matin* o tenta fazer...

Os jornalistas profissionais têm a consciencia de que, muitas vezes, se deviam calar sobre certas minucias, certos aspectos de um acontecimento, certas frivolidades mesquinhas, certos incidentes pessoais. Sabem que, se a curiosidade é uma virtude profissional, a inconfidencia é um vicio. Sabem que devem, em principio, tudo conhecer, mas que não têm o direito de tudo divulgar. Sabem — como ninguem — que, se a palavra é de prata, o silencio é muitas vezes de oiro. Simplesmente, os jornalistas nem sempre têm essa coragem de se calarem...

Ela é, por certo, a unica que lhes falta. E esses homens cujos talentos fulguram com todas as scintilações da experiencia e do saber, esses espiritos orientadores de todas as nossas conquistas e sinteses brilhantissimas de todas as humanas anciedades — eu falo dos jornalistas profissionais e os azares do meu destino nunca me permitiram a honra deste titulo — esses homens tão dignos que estão sempre prontos a sofrer pelas suas ideias, esses homens que constituem a mais provada e a mais generosa das nossas élites, são por vezes comprometedores com as suas indiscreções.

Os jornalistas são assim... As suas alma intrepidas, temperadas de fé e de quimera, têm este ponto vulneravel.

* * *

Pois deu-se, agora, em Paris, um caso verdadeiramente digno de memoria: um caso em que os jornalistas parisienses — longe de serem indiscretos — conseguiram impôr-se uma discreção absoluta, singular, inexcedivel.

Havia muito que os jornalistas parisienses tinham uma grande ambição: a de descançarem um dia por semana.

Havia muito tambem que um projecto de lei garantindo aos jornalistas esse almejado descanço semanal tinha sido apresentado na Camara dos Deputados. E, desde anos, depois de votarem esse projecto, os deputados tinham-no enviado para a Comissão competente do Senado.

Acontecia, porém, que os directores dos jornais — temidos pelos governos — não sentiam por esse projecto de descanço semanal o mesmo entusiasmo que os jornalistas; acontecia que, se estes tinham fervorosos defensores, na Camara, o Senado era a cidadela inexpugnavel do patronato dos jornais. Assim se explica que o projecto tenha feito muitas vezes o caminho do Luxemburgo ao Palacio Bourbon e deste ao Luxemburgo, para essas interminaveis leituras, essas emendas, essas revisões, essas redacções definitivas nas quais são tão prolificos os parlamentares dos dois mundos. E, sistematicamente restabelecido pela Camara, o projecto encontrava sempre no Senado novas hostilidades...

Ha dias os jornalistas descobriram que o mais encarniçado adversario do seu projecto de descanço semanal era o proprio presidente da Associação dos Jornalistas, o senador sr. Strauss, o qual — considerando-se como o presidente, não só dos jornalistas, mas tambem, e principalmente, dos directores dos jornais — divagava, intrigava, manobrava com uma má fé evidente e lamentavel.

Convencidos de que o sr. Strauss preparava o enterro definitivo do seu projecto, os jornalistas parisienses indignaram-se, revoltaram-se, conspiraram. Conspiração emancipadora e terrivel da qual nada transpareceu nos jornais. Porque se os jornalistas parisienses falam muito das conspirações dos outros, mostraram agora que sabem admiravelmente calar-se quando se trata das suas proprias conspirações...

O plano dos conspiradores era uma obra prima de estrategia, de astucia e de decisão. Sabia-se que o Senado ia adiar as suas sessões, que muitos senadores partiriam nas vesperas das férias. Tratava-se de aproveitar a magnifica ocasião, tratava-se de assaltar e de subjugar, por surpreza, a cidadela inimiga. Os conjurados tinham conquistado para a sua causa algumas cumplicidades carinhosas e incondicionais e, uma bela manhã em que havia apenas no Senado duas ou três duzias de senadores quasi exclusivamente amigos, o sr. Pasquet, defensor acerrimo dos jornalistas, rabiscou á pressa o pequeno relatorio necessario para a votação do projecto.

Este foi aprovado pela quasi unanimidade dos presentes — e a revolta dos jornalistas triunfou assim com «a maior facilidade», e com a incomparavel supreza dos directores dos jornais.

Chagas Franco

UM amigo nosso, viajando pela Belgica, recebeu um bilhete postal da sua familia, com uma linda vista da praia do Estoril, que, com verdadeiro orgulho patriotico, foi mostrar a um companheiro de hotel, um funcionario superior dos correios belgas.

Este não poude esconder a sua admiração pela beleza incomparavel da nossa paisagem, mas notou, com extranheza, que no verso do bilhete estivesse impresso *Union Postale Universelle, Carte postale — Bilhete Postal*, e preguntou se em Portugal, como na Belgica, tambem havia duas linguas oficiais!

O nosso amigo apressou-se a dizer que não senhor, que no nosso país havia só uma lingua, que era a portuguesa, reconhecida oficialmente ha oito seculos, e que, com o concurso do Brasil, era falada por perto de 50 milhões de pessoas!

—Mas, replicou o funcionario dos correios belgas, não percebo por que motivo põem, nos seus postais ilustrados, *Carte Postale*, quando, desde ha muito, todos os países, usam apenas da sua lingua: a Italia, *Cartolina Postale;* a Espanha, *Tarjeta Postal;* a Inglaterra, *Post Card*, etc.

Efectivamente esta subalternidade de estarmos a escrever titulos em linguas estrangeiras, não se admite. Temos uma patria muito nossa, uma lingua secularmente nossa, e se, como dizia Eça de Queiroz, já que na lingua reside a nacionalidade, não devemos estar a dar aos outros a impressão *snob* de que nos queremos desnacionalisar.

Com vista aos editores de bilhetes postais...

* * *

UM bandido celebre, chamado Korniloff, depois de ter aterrorisado toda a região de Kharbine, cometendo centenas de mortes e roubos, caiu nas mãos da justiça, que o condenou á morte.

O suplicio durou três horas, durante as quais os seus sofrimentos foram graduados de maneira a ofertar, como expiação, farrapos agonicos da sua vida a cada uma das suas vitimas.

Esqueceu se o telegrafo de nos dizer se ele se arrependeu, mas cremos que não, porque reputamos Korniloff um homem de bem e de brio, em relação aos seus carrascos que voluptuosamente saborearam a sua morte, como se ela fôra um licor precioso.

* * *

RECEBEMOS o *Almanaque Bertrand* para 1926, um esplendido volume de mais de 350 paginas, em optimo papel, fortemente encadernado, tendo na capa um esplendido cromo de Alfredo de Morais.

O *Almanaque Bertrand* entrou nos nossos habitos. Todos sentem um prazer vivissimo em resolver as suas charadas e adivinhas, as suas palavras cruzadas, em ler os seus versos de bons auctores, as suas graciosas anecdotas. O volume que temos presente é dos melhores da colecção.

* * *

O SR. Antonio Maria da Silva, como presidente de ministerio, tratou sempre de fazer discutir e aprovar os orçamentos.

No seu penultimo governo, após um trabalho insano, as contas do Estado foram postas a claro, integralmente.

Agora, apesar de ocupar o poder, sómente desde 2 a 17 de julho, ainda obteve a aprovação do orçamento das Finanças e a discussão do da Instrução.

HENRY BURNAY & C.ª

Em legitima defesa

Publicaram alguns socios da casa Burnay & C.ª, uma declaração que pretende ferir o signatario, Jorge Burnay, socio tambem dessa casa.

Cumpre responder-lhes com as seguintes verdades:

1.º)—A oposição que o signatario tem feito, e fará, á escura transformação da sociedade em nome colectivo Henry Burnay & C.ª em sociedade anonima, baseia-se na lei, não foge aos tribunais, e apenas pretende evitar a espoliação dos seus direitos e haveres assim como os dos seus filhos que, por falecimento do signatario têm o direito e o perderiam de ficar na casa Burnay.

2.º)—Na Assembleia Geral da casa Henry Burnay & C.ª que teve logar no dia 15 de Setembro de 1924, propuzeram a dissolução e liquidação da firma e a nomeação de liquidatarios. Opoz-se o signatario a semelhante dissolução, lavrou na acta o seu protesto e propoz a correspondente a acção no Tribunal do Comercio que está pendente de resolução.

3.º)—Em fins de Dezembro de 1924, Roberto Burnay pediu-me por telegrama (que conservo) o favor de o receber em minha casa de Mérida ao que eu anui prontamente. Nessa visita declarou-me, na presença de varias pessoas, que achava justissimo que eu devia ter sido nomeado um dos liquidatarios da casa para fiscalizar os meus interesses, assim como tambem achava de toda a justiça que eu fizesse parte do Conselho de Administração da nova firma e que se ele, Roberto Burnay, tivesse estado em Lisboa e assistido á Assembleia do dia 15 de Setembro assim o teria proposto.

4.º)—As lb. 26 000, a que os declarantes aludem na sua declaração foi o quantum dos prejuizos do signatario e dos seus, computados por calculo feito *de acordo* com Roberto Burnay *que o reconheceu*, acordo este solicitado *instantemente* por Roberto Burnay que se dizia habilitado por todos os socios para assim proceder e mais declarou em presença de minha mulher e de varias pessoas que este acordo não traria prejuizo algum para as nossas irmãs.

5.º)—O acordo ficou *fechado* com a intervenção e o conselho de advogados de ambas as partes e faltava apenas reduzi-lo a escrito, quando Roberto Burnay se ausentou para Paris, acompanhado pelo seu advogado.

6.º)—A' sua volta de Paris, Roberto Burnay recusou-se a sancionar o acordo e declarou ironicamente ao signatario que já não precisava de se entender com ele! Roberto Burnay por si e seus comitentes faltou a esse acordo com uma *inqualificavel sem cerimonia* e *patente má fé*

7.º)—A explicação deste facto está em que, a despeito das divergencias respectivas se acharem *sujeitas* em dois processos pendentes ao *Poder Judicial*, se ter obtido dum Ministro (que foi certamente iludido) que no decreto 10.634, de 20 de Março de 1925, se inserisse um artigo 15.º e seu paragrafo unico, tendente a resolver o caso, e que um outro Ministro das Finanças, dependente da casa Burnay, autorisasse (apesar de demissionario) a mencionada transformação.

8.º)—Semelhante proceder, *que se ha-de tirar a limpo*, desmente categoricamente os declarantes, a que se responde, quando dizem que confiam no *Poder Judicial*, pois o que se vê é a indevida intromissão, solicitada, do *Poder Executivo*, para resolver assuntos que ao Poder Judicial estão afectos.

E não ha pessoa lavada dos olhos, das mãos e da alma que não reconheça, pela simples leitura do artigo 15.º e seu paragrafo do citado decreto 10:634, de 20 de Março do corrente ano, que ele foi introduzido unica e simplesmente para espoliar o sinatario, pois *estão nele previstas todas as circunstancias que se verificam no caso do sinatario* e **apenas essas.** Não obstante, pretendem agora os declarantes a quem se responde *que o sinatario pretende fugir aos Tribunais!*

9.º)—Esta é a *verdade* que os Tribunais hão-de apreciar um dia, se antes o Poder Executivo não der remedio ao mal que fez, pouco importando a atitude dos declarantes da indicada declaração, que se explica, porque uns teem beneficios especiais na transformação da sociedade, e outras, que são senhoras, não teem competencia para analisar cousas tão complicadas.

E nada mais.

O resto é para quem de direito.

O sinatario

Jorge Burnay

(Segue o reconhecimento).

Até os filhos de Nipon
Não bebem chá—só BEM-BOM.

DA "COMŒDIA,,

Um artigo

de Homem Cristo Filho

sobre o "Romance de Amadis,,

de Afonso Lopes Vieira

No diario parisiense «Comœdia» publicou o distinto escritor e jornalista Homem Cristo, Filho, um interessante artigo sobre o «Romance de Amadis de Gaula», do altissimo poeta Afonso Lopes Vieira, que Philéas Lebesgue, publicista de nome e grande amigo de Portugal, acaba de traduzir e publicar em francês.

A seguir transcrevemos a homenagem do autor do «Mussolini, batisseur d'Avenir» ao ilustre poeta do «Encoberto»:

O escritor português Affonso Lopes Vieira que reune, segundo Philéas Lebesgue, o fervor dum Vielé-Griffin á prestigiosa virtuosidade verbal dum Henri de Régnier, e cuja gloria ha muito atravessou as fronteiras do seu paiz, acaba de prestar ás letras um serviço analogo ao que se deve a Joseph Bédier: a restauração, em toda a sua pureza primitiva, do «Romance de Amadis de Gaula» que é na literatura peninsular o correspondente ao «Tristão e Isolda».

Este «Romance de Amadis», maravilha da fantasia medieval, foi escrito por João Lobeira, vassalo do Infante D. Afonso de Portugal, irmão mais novo do rei D. Diniz, senhor de Portalegre e da Lourinhã. A segunda versão data da ultima metade do seculo XIV e é atribuida a um outro Lobeira, provavelmente descendente do primeiro, que juntou um III Livro á composição primitiva.

Imediatamente traduzido em castelhano e mesmo ampliado por Garci Ordonez de Montalvo, governador da mui nobre cidade de Medina del Campo, que o pôz ao gosto da epoca, dando lhe o caracter solene e grandiloquo da Renascença, este «Amadis» castelhano foi depois impresso varias vezes, imitado, dramatizado, transposto, em toda a Europa durante o seculo XVI.

Ele fez a volta, — diz a sabia Carolina Michaelis, — dos palacios e dos castelos, assim como das casas de burguezes, das hospedarias, e das celulas mnacais; foi lido e relido pelos reis, gentilhomens, letrados, artistas e santos. Foi apreciado por Carlos V e Francisco I que levou Nicolas Herberay senhor de Essarts, a fazê-lo conhecer em França; obteve os sufragios de Santa Thereza e de Santo Inacio de Loyola, de Diego de Mendoza, e de Simão da Silveira, de Montaigue, de Ariosto e de Tasso.

O seu renome universal vem lhe, em grande parte da lingua, então universal, em uso no imperio de Carlos Quinto. Espalhado em castelhano, o «Romance de Amadis» perdeu, por algum tempo, a nacionalidade; foram necessarias pacientes investigações dos eruditos e energicas reivindicações dos Portugueses, para que a voltasse a encontrar, depois duma polemica literaria que prosseguiu com paixão durante quasi cinco seculos. Os Franceses, os Ingleses e os Alemães meteram-se na questão. Depois de Mila J. Fontanals, Gaston Paris, F. Wolf e Southey se declararam a favor de Portugal, apoiando a sua opinião sobre argumentos de ordem psycologica e material foi, a partir de 1880, Menendez Y Pelayo, o eminente critico espanhol, que, com todo o peso da sua autoridade, reduziu a nada a these espanhola, e atribuiu a Portugal uma paternidade que em vão lhe haviam querido roubar.

* * *

Infelizmente o texto do «Amadis» português desaparecera. E estariamos para sempre privados dele, se não houvesse em Lisboa um poeta dotado duma rara intuição, arauto e mantenedor do lirismo nacional, capaz de se sacrificar, como diz, e muito bem Carolina Michaelis, de, pelas suas afinidades naturais e de eleição, com o trovador João Lobeira, do seculo XIII, e o cavaleiro Vasco Lobeira, do seculo seguinte, como se identificara já com o mestre Gil Vicente, nacionalisando o «Monologo do Vaqueiro», composto em castelhano.

Graças ao piedoso esforço de Afonso Lopes Vieira, foi encontrado o verdadeiro «Romance de Amadis». Restituindo-nos esta obra capital da literatura da Idade Media, o eminente escritor expurgou a das adições e das emendas da tradução castelhana que a tornavam ilegivel para um homem do nosso tempo. Pôs em relevo o elemento lirico, essencialmente português, que é o seu maior encanto. Reduziu a vinte os cento e trinta e cinco capitulos da transposição de Montalvo, e fê-lo com tal arte, compenetrando-se tão profundamente da obra dos Lobeiras, e tendo em conta, ao mesmo tempo, numa tão justa medida, as possibilidades da nossa compreensão e da nossa sensibilidade de hoje, que realizou o milagre de tornar apaixonante, para as nossas almas modernas, a mais ingenua historia de amor do seculo XIII.

Para o conseguir, Lopes Vieira reconstruiu e escreveu inteiramente o «Amadis», «o perfeito amor», de que soube extrair a quintessencia filosofica e moral. Ressuscitou o tipo peninsular tradicional do «Português amoroso», de quem a doçura, aliada a uma heroica valentia, o terno e melancolico sentimentalismo, junto á coragem sem rival, nos perigos e na guerra, a circumspeção, a delicadeza dos costumes contrastam tão singularmente com as grosseiras maneiras e os costumes barbaros das façanhas narradas nos «Livros de Linhagens».

Calcula-se a enorme dificuldade de pôr uma obra desta importancia de cujo texto original não resta um vestigio, numa linguagem compativel com o caracter da historia e com a sua idade sem cair em erros de construção e de vocabulario dum arcaismo pedante e ilegivel. Lopes Vieira teve o grande merito de triunfar completamente nesta audaciosa empreza. O seu nome ficará ligado á nova redacção do «Romance de Amadis» que lhe pertence integralmente, como o de Josephe Bédier está ligado para sempre á restauração do «Tristão e Isolda».

* * *

Os letrados franceses podem agora partilhar do nosso entusiasmo, e admirar a obra do escritor português, lendo a tradução que Philéas Lebesgue acaba de publicar, no editor Aveline. O distinto lusofilo, a quem as letras, tão desdenhadas em França, do extremo occidente da Europa devem inolvidaveis serviços, teve neste caso mais sorte que nas suas precedentes traduções de duas das melhores obras de Eça de Queiroz, o emulo português de Flaubert, cujos manuscritos estão nas suas gavetas de Beauvais, por falta de editor... Eis aqui um sinal caracteristico e desolador da indiferença de Paris pelas obras primas das literaturas portuguesa e espanhola que são das mais originais e mais ricas, e que se conservam quasi inteiramente desconhecidas aqui.

Seria oportuno, por isso, no momento em que se publica a tradução francesa do «Romance de Amadis de Gaula», tornar conhecidas, em França, certas obras deste mestre, deste artista perfeito, universalmente admirado para lá dos Pirineus e que incarna em toda a sua beleza, no seu passado e nas suas aspirações ideais para o futuro, o genio duma grande raça.

HOMEM CHRISTO

Asmáticos

Preferi sempre o PÓ ANTI-ASMATICO PINHEIRO, o unico que rivaliza em absoluto com todos os seus congeneres. Deposito: Farmacia Pinheiro. R. Presidente Arriaga, 1.6 Enviam-se amostras a quem as pedir.

A's Senhoras

Capsulinas, para tratamentos varios, ano mia, etc., sistema estrangeiro. **Calçada da Estrela, 13, 1.º Esquerdo**

! Prestações !

Calçado, fazendas, fatos, mobilias, chapeus, sem fiador.

16 PRESTAÇÕES
Travessa de André Valente, 7-1.º
(AOS PAULISTAS)

Colchões de arame

H. BONO
75, Rua do Diario de Noticias, 75
(Ao lado da antiga Farmacia Jara)
TELEFONE: Central 642

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Riba Tamega, D. Maria de Carvalho Monteiro de Almeida, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria da Graça de Mendonça de Siqueira de Castelo Branco (Pombeiro), D. Gerty Abecassis, D. Maria das Dores de Sá Castro, D. Maria da Graça Carvalho e Carvalho (Chanceleiros), D. Maria Candida de Freitas Branco e D. Vera Silvano Horta e Costa.

E os srs.:

Francisco Osorio Sarmento de Vasconcelos e Castro (Meimenta da Beira), João Perestrelo de Vasconcelos, Antonio Manuel do Amaral de Passos de Sousa Canavarro e Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha Correia Pereira.

—Faz hoje anos a sr.ª D. Marieta Pais Barreto de Figueiredo.

Novo medico

Defendeu tese na Faculdade de Medicina de Lisboa, ficando aprovado com 18 valores o sr. dr. Pedro Paulo de Mendonça Soares, filho do sr. dr. Guilherme Soares, facultativo municipal de Santarem e sobrinho do sr. dr. João de Matos Soares, inspector da Imprensa Nacional.

Casamentos

Realizou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Julia Augusta Reis, gentil filha da sr.ª Maria José Reis de Castro Rato e do sr. Augusto Cesar dos Reis, já falecido, com o sr. Augusto Canha Boto Pimentel, filho da sr.ª D. Ana Carneiro Canha Boto Pimentel de Carvalhosa e do sr. Antonio Boto Pimentel de Carvalhosa, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o sr. José Antonio de Castro Rato, padrasto da noiva, que por motivo de saude se fez representar pelo irmão da noiva, sr. Ernesto Augusto dos Reis e o pai do noivo.

Terminada a cerimonia religiosa foi servido na residencia da mãe da noiva um fino «lunch», partindo os noivos para o Minho, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Em viagem

Para a Foz do Douro partiram, de Vila Nova de Gaia, os srs. condes de Campo Belo.

—Partiu para a sua quinta da Carapinheira do Campo, em Montemór-o-Velho, com sua esposa a sr.ª D. Leonor Anjos Joyce Diniz, suas gentis filhas e filhos; o sr. Carlos Joyce Diniz.

NO "BAL-TABARIN"

O TRABALHO DUMA ENCANTADORA COUPLETISTA

No conceituado e elegante *cabaret* da rua da Gloria, continua a sua marcha triunfal, de incontestavel relêvo artistico, a bela e elegante coupletista Estrela Castro, que todas as noites atrae á sala de espectaculos do «Bal-Tabarin» a mais selecta assistencia, que lhe dispensa o mais entusiastico aplauso. Na realidade, Estrela Castro, joven, insinuante e formosa, está acima da mais exigente espectativa. Tem sentimento, tem expressão, tem arte natural e expontanea, que, apesar da sua mocidade, quasi infantil, a põem a par das melhores artistas do genero.

Além deste numero, que não receia confrontos, ha a juntar os bailados de Margarida Sanches e de Gloria Castro, e as coupletistas de genero alegre, Zázá e La Móra.

No «Bal-Tabarin» ha um magnifico serviço de «restaurant», que fornece ceias a preços modicos e que está aberto toda a noite.

CINEMA CONDES

HOJE

Os maiores sucessos do écran incluindo, em ultima apresentação, o *film*

JULIO CESAR

por

Amleto Novelli

A'manhã

Estreia de um «film» desportivo e de aventuras do grande *cow boy*

HOOT GIBCON

CARTAZ

TEATROS

Trindade—A's 20,45 e 22,45—«Ditosa Patria».
Politeama—A's 21,30—«O Leão da Estrela».
Eden—A's 21,30—«A cidade onde a gente se aborrece».
Maria Vitoria—A's 20,30 e 22,30—«Rataplan».
Coliseu dos Recreios—A's 9—Torneio de luta e variedades.
Salão Foz—A's 20-45—Variedades e cinema.
Bal-Tabarin—A's 21—Variedades.
Salão Alhambra—A's 21—Variedades.

Até os filhos de Nipon
Não bebem chá—só BEM-BOM.

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

Um bem ou um mal?
:: ::
A morte do artista

O incidente da barra do Guadiana, de cuja importancia politica eu não sei aquilatar, mas cujas consequencias industriais para Portugal podem ser tremendas, coloca-nos em face de um caso colectivo de aparente insensibilidade—que não se sabe se é um bem, se é um mal.

Fôsse ha cem anos, e esse acontecimento secundario, mas não trivial, levantaria no país um clamor de protesto, de indignação, de defesa.

Hoje, não sucede assim. Aparte a efervescencia local, muito ligada a interesses proximos e legitimos, o país vê o acontecimento com aquela «curiosidade indiferente» a que eu aludi ha dias, e a imprensa, prudentemente, respeitosamente para a Espanha, patrioticamente para Portugal, encarou o facto com parcimoniosos comentarios de espectativa.

Tanto quanto eu conheço do assunto — e por dever de oficio alguma coisa conheço, tendo acompanhado nos aspectos comercial e diplomatico os incidentes da Conferencia de ha um ano e tal—parece-meque a Espanha não tem razão.

Mas não é isto que interessa a estas reflexões. Aparentemente, e até pelas declarações oficiais e pela reclamação diplomatica que o sr. Melo Barreto foi encarregado de levar até ao juizo e analise juridica do Directorio Espanhol—Portugal foi afrontado.

Para se levantar, como eu suponho que teria sucedido ha um seculo, a opinião publica «supôr ter razão» já é possui-la.

A opinião publica está socegada, o Parlamento naturalmente confia nos Ministros, e os jornalistas, que não são agitadores truculentos de opinão em casos melindrosos como este, limitam-se a um minimo de reparos.

Teria sucedido a mesma coisa em Espanha, se o caso fôsse inverso, nós os pretensos agressores, a Espanha a suposta agredida?

E' possivel que sim.

Mas o que eu pregunto é se esta passividade aparente é um bem ou é um mal.

Se ela corresponde a um estado mais salutar dos nervos da Nação, convencida de que no Terreiro do Paço e nas Necessidades tudo se esclarecerá a favor de quem de direito; se este silencio significa reflexão, sentimento calmo de dar aos factos apenas a importancia local que eles têm, sem significado politico; se esta discrecção representa confiança nos governantes, instinto de que convém não exagerar incidentes de que nós já temos sido autores; se traduz inteligencia e equivale a um sentido de fôrça moral, que dispensa exaltações alucinadas—é de facto um bem.

E por este «bem» nos inclinamos.

Mas, se pelo contrario, a relativa calmaria feita á roda do sucesso maritimo, que teve aspectos belicos, com tiros á mistura, e pôs dois navios de guerra, cada um com sua bandeira, em duvidosa presença um do outro, corresponde á «insensibilidade nacional», ao desprêzo pelos nossos direitos, pelos tratados, pelas convenções, o desprêzo pelos interesses dos nossos pescadores, o desprêzo pelo dominio das aguas comuns, e leva, inconscientemente, ao estabelecimento do principio de que as aguas do Guadiana são só espanholas, contra o regulado na Convenção de Aiamonte e nos precedentes de ha muitos seculos—, então o que se está passando é um mal, para cujo tratamento não ha indignação que chegue, nem desalento que se não justifique.

Isto hade ir parar a algum termo: ou o almirante Magaz, ilustre e correcto oficial, nobre e leal, foi mal informado, o texto dos telegramas é uma falsidade juridica, de que ele não terá responsabilidade senão nominal, e a nossa reclamação do ministerio dos Estrangeiros opoiada e fundamentada pelo ministerio da Marinha é justa, e assim a Espanha tem que indemnizar e apresentar desculpas—, ou o nosso ministerio da Marinha está em erro, nós não sabemos as leis em que vivemos, as Necessidades procederam precipitadamente, as aguas do Guadiana são espanholissimas e nós pescadores sem rio e sem porto,—e então só nos resta entregar cêrcos e galeões á Espanha, e chorar sobre a nossa sorte de povo desfavorecido pela deusa da Diplomacia, que com ignorancia mitologica, não faço ideia nenhuma de quem tenha sido.

Quanto a mim isto é uma questão simples, que amigavelmente se pode derimir, apesar de os portugueses já terem sido vitimas da multa e fogo vivo.

Como um autorizado industrial algarvio disse, isto não é uma questão entre Portugal e Espanha, mas entre pescadores portugueses e pescadores espanhois.

A isto ha certamente a opôr: mas a barra do Guadiana é que é tambem de Portugal e não apenas dos pescadores. E mais se pode objectar: e os pescadores do Algarve não são autonomos, senão de seus haveres, e antes são portugueses, cujo trabalho e modo de vida fazem parte do patrimonio comum.

Logo, ofender os pescadores é ofender Portugal.

Muito bem, contudo. Muito bem esta serenidade; a apresentação do governo, a caçada ao lobo legendario de Sintra tem muito mais gravidade, e é de mau patriotismo irritar esta questão do Algarve, banalissima, cujo facto essencial: o desrespeito pela nossa canhoneira «Ibo», não tem senão uma importancia tecnica e deve fazer parte do plano de manobras de operações no Algarve.

Em todo o caso volto a preguntar se esta passividade é um bem, ou é um mal. Se esta passividade publica (porque o governo esse agiu) tem que ser vista como uma nova virtude do povo ou como—isso não! —um doloroso sintoma de orgulho insensibilizado.

Está em Madrid um ilustre português e diplomata distintissimo cuja experiencia, inteligencia, sentido nacional e recursos de «metier» são garantia de que se tivermos razão—hão-de no-la dar.

E o actual ministro dos Estrangeiros, o sr. dr. Vasco Borges, novo, livre inteligente, e não contaminado pela politica dissolvente dos orgulhos naturais e energias antigas—assegura por sua vez ao Ministerio da Marinha que a «Ibo» será desafrontada, e que a Espanha não nos faltou ao respeito nacional, mas que uns seus oficiais mal entenderam o estatuto convencional, e taparam, por equivoco, uma barra de condominio, imaginando procederem conforme as leis.

E assim, e por agora, assentemos, porque não nos custa nada, em que estamos assistindo ao desabrochar de uma nova virtude nacional: a confiança da grei nos seus mentores.

* * *

A morte de um grande homem artista é um incidente da patria que abala muito mais do que a morte de um grande homem politico.

E' um criador — cujas palmas esfriam para a beleza. E' um deus que sucumbe para o misterio renovador das emoções.

Nada na vida vive, sem emoção.

E se a arte desse homem foi a do palco, é como se a nossa propria vida, que a gente viveu com ele, com a vida dele se fôsse.

O artista actor, mais que nenhum outro — morre. E mais que nenhum outro fica dentro de nós. Porque dos outros ficam os livros, as estatuas, as tabuas, as piramides. Ele vai-se embora, e a gente vai vê-lo todos os dias ao Museu e fala todos os dias com ele no cantinho da biblioteca. Estive ha dias com Soares dos Reis; falei esta noite passada com Junqueiro.

O actor deixa o palco vasio — e morreu mais do que aquele outro que deixou as galerias plenas da inspiração dos seus dedos.

E mais que nenhum outro fica dentro de nós, porque só pela memoria, que é a materialização da saudade, o podemos vêr. Nenhum de nós já sabe como era Silva Porto e Eça de Queiroz, como era — os que foram de ontem — Constantino Fernandes e João Lucio. Eles eram artistas, longe de nós. Chegavam-nos cá dentro, por raios de sol e ecos de melodica, melindrosa graça.

Os homens de teatro para serem artistas, têm de ser comnosco. Não representam sósinhos. Nós sômos os seus nervos, o seu estimulo, a sua gloria—a sua atenção fixa.

A sua obra de beleza está nos nossos olhos, que são o mostruario da nossa alma. Andam aqui, no rosto, no esgare da nossa gargalhada, na linha debil e pura do nosso sorriso, na lagrima cristalisada da nossa emoção.

Quando morrem, vão com eles algumas horas da nossa vida, a nossa juventude, a nossa mocidade, a nossa alegria, bocados de nós, que nós lhe demos, como barro, para eles fazerem o que quizessem d'ele.

O criador que levantou a Catedral ficou imobilizado, eterno, constante, nas pedras da propria Catedral. Não mais desaparece.

O artista que levantou o drama e a farça acaba, quando lhe cae o pano, lentamente, ou de uma noite para uma madrugada.

Um bocado de nós foi com João Gil, outro com Maria Victoria, outro com Augusto Rosa, outro com Virginia, outro ainda a sangrar com Angela e agora mais outro com José Ricardo.

O *Centenario* levou-nos a ultima visão da vida perfeita e biblica, que já não ha, entre filhos e netos, e os netos a reflorirem bisnetos nos ingenuos amores que mal começam.

Parece que andamos nós todos, espectadores, por esta plateia arida da vida á espera que eles morram todos para a gente acabar—definitivamente.

Norberto de Araujo

A sair esta semana
"A Catedral,,
por Manuel Ribeiro
Magnifica edição especial de luxo, grande formato, ilustrada por Alfredo Candido, com magnificos desenhos á pena, aguarela, etc., inéditos da Sé de Lisboa.
Esta edição restricta, com os *exemplares numerados e assinados pelo auctor*, será posta á venea a 50$00, pelo correio mais 3$00.
Pedidos á casa editora — **Livraria Renascença — J. CARDOSO** — Rua dos Poiais de S. Bento, 27, 29 — Lisboa.

SCALABITANOS
Deliciosissimos licoros! Soberba apresentação
DEPOSITO GERAL Telef. C. 119
RUA AUGUSTA. 70. 2.º
Toda a dama que usa dom
Bebe agora só BEM-BOM

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

As ourivesarias
da firma PEIXOTO, PINHEIRO & MAIA L.da
Rua da Palma, 14 e 16
Rua da Boavista, 22
e da firma PEIXOTO, MAIA & PINHEIRO, L.da
Rua de S. Paulo, 31
Rua de S. Paulo, 114
são as que mais se limitam
Telefone Central 1322
Telefone Norte 5117

Peçam em toda a parte o delicioso vinho verde RAPOSA, engarrafado na procedencia
Felgueiras
Representante e depositario em Lisboa:
Fernando Leite da Silva
Rua dos Correeiros 29, 2.º D.
Telefone C. 700

Restaurant VIGIA
Magnifico serviço de mesa redonda
Almoços a 10$00
Jantares a 12$00
Grande redução nos preços do serviço por lista

A Cidade

Doenças da boca, dentes e maxilares
Manuel Valente
Travessa do Corpo Santo, 29, 1.º
(Esquina da Rua de S. Paulo)
Telefone, Central 1853

Chá das cinco

O bom povo. .

Tenho tido sempre um interesse afectuoso e profundo pelo povo português, tenho sempre persistido em julga-lo bom e inteligente, tenho sempre procurado defende-lo em Portugal e fóra de Portugal.

Ha factos, porém, que parecem minimos mas que magoam, que afligem, que desiludem.

Num destes dias, no meu bairro, nas Amoreiras, *o bom povo*, num grupo composto de mulheres, crianças, homens, entre os quais um guarda republicano de espada; fizeram uma montaria a um pobre gato faminto, exausto de miseria, que nem atacava, nem se defendia. Pancadas, pontapés, espadeiradas, tudo sofreu o pobre animal, daquele bando ignobil, inconsciente, que parecia julgar-se a perseguir as pseudo-feras da Serra de Cintra...

Podem dizer-me:

—O que vale isso em face de bombas, assassinatos, policias cheios de facadas e outras coisas mais?...

Que vale?... vale como sintoma de ferocidade estupida e inutil, que não tem nem uma razão, nem uma ideia.

Um povo que se dá o espectaculo,—porque os espectadores eram numerosos e não protestavam—do tormento dum pobre animal apavorado e faminto e que não sente um vislumbre de compaixão, mostra a sua ignorancia e a sua iniquidade, manifesta claramente que não merece a minima liberdade porque não é civilisado e porque a liberdade nas mãos de pessoas ferozes e sem educação é nociva e perigosa.

Tendo regressado ha pouco da Holanda, onde a civilisação e a ordem são inexcediveis, é doloroso o contraste. E nunca vi pais em que os animais sejam tão felizes como na Holanda. Desde as vacas nédias dos prados até aos animais domesticos, desde os patos que vogam nos canais até aos passaritos que vecm confiantes aproveitar as nossas migalhas, tudo ali prova que os animais não temem o homem.

E' certo que os cães, por um costume importado da Belgica, puxam carrocinhas de leite e de hortaliça ás vezes um tanto pesadas, mas não só muita gente reprova esse uso e contra ele protesta, mas estão sempre gordos e bem tratados esses cães.

O gato domestico, mesmo nas casas modestas, vê se que é um animal feliz.

O povo civilisado perde a crueldade nativa, não a cultivando, não a permitindo, e poupando-nos a espectaculos ferozes e deprimentes, em que a covardia humana se manifesta atacando o ente indefezo, e onde o homem, que fugiria de um lobo, ataca a pau — e á espada! — um pobre gato vadio...

Maria de Carvalho

Tauromaquia

Señoritas toureras em Algés

O bandarilheiro Antonio Carvalho realiza no domingo proximo, em Algés, o seu beneficio, e organizou um esplendido programa, de que faz parte a apresentação, como espadas, das três valentes toureiras Laura de Jesus, Maria do Carmo e Efelvina da Conceição.

Ha intermedio comico e «Tancredos», e os lidadores amadores são os seguintes:

Cavaleiros, J. C. Gomes e M. V. Matias; bandarilheiros, Armando Sereno, Vicente dos Santos, Antonio Gonçalves Contreiras, Miguel Ginginhas, Joaquim José Ricardo, Artur Garrett, João Guedes, José Lopes e Antonio Miguel; forcados, do Arsenal de Marinha, Manuel Prior (cabo), Carlos Barreiros, João Vicente, Aires dos Reis, Antonio Simões, José Salema, Eleuterico Jacob e Raul das Neves.

PALACE HOTEL DA CURIA
Instalações acabadas de construir com todo o conforto moderno.
Appartements com banho.
Concerto diario
Pensão completa desde Esc. 35$00
Informações e reserva de aposentos em Lisboa: Hotel de l'Europe, Hotel Metropole, Francfort Hotel e Rocio, 108, 2.º

UM CASO DE TEATRO

Quem irá

ocupar as vagas de Joapuim Costa e José Ricardo de actores societarios do Teatro Nacional Almeida Garrett?

Com a morte de José Ricardo e o pedido «firme» de demissão do administrador do Teatro Nacional, sr. Lino Ferreira—volta de novo a estar em foco a casa de Garrett. Dois problemas de urgente resolução vêm agravar a vida daquele teatro, que nunca foi brilhante, mercê das reformas incompletas que tem sofrido, e da falta de assistencia financeira por parte do Estado.

De maneira alguma se pode comparar o nosso Teatro Nacional com a *Comedie Française*, nem exigir ao primeiro o reportorio classico que o segundo tem realisado admiravelmente, pugnando pela nobreza e severidade das suas tradições. O Teatro Nacional não carece de ambiente, que é o favor popular. O que carece, para poder ser palco de dramaturgos e actores, é de dinheiro. Obtido ele desaparecem as explorações teatrais que até hoje lá se têm feito, cortadas aqui e ali por originais portugueses, de reduzida factura e de reduzido sucesso.

O Teatro Nacional só pode iniciar uma continua e profunda acção artistica quando o Estado lhe dê recursos e independencia. Não faz sentido que os societarios sejam obrigados a representar peças que não escolhem, ou em cuja escolha ficam vencidos, visto só terem um voto, no Conselho de Leitura, comprometendo assim os seus interesses.

Desta anomalia resulta o *deficit* tremendo do teatro que, até dezembro do ano passado, custou ao sr. Lino Ferreira, perto de 70 contos do seu bolso.

A Casa de Garrett, ou ela não dependesse do governo, sofre tambem de doença politica. Politica de direitos adquiridos, respeitaveis, mas faceis de liquidar a contento dos interessados. Queremo-nos referir á verba existente no Cofre de Pensões, que podia ser distribuida pelos associados.

* * *

Ha ainda a politica da manutenção de certos artistas que, embora gloriosos, já não deviam trabalhar porque estão fóra da sua época.

Os pesados encargos desses artistas desapareceriam facilmente, com uma aposentação condigna, baseada na entrega do dinheiro arrecadado no cofre de pensões.

Tudo isto são velhos alvitres, que só podem ser executados por alguem que tenha liberdade de acção, escutando apenas a sua vontade e a sua inteligencia, ambas imparciais, claro.

O pedido de demissão de Lino Ferreira do cargo de administrador do Teatro Nacional levanta de novo estas duas interrogações:

Pode continuar aquela casa de espectaculos enfeudada ao Estado, que ainda não lhe deu o prometido subsidio de 150 contos?

Deve o teatro ser posto a concurso, embora o seu arrematante se comprometa a cumprir determinados encargos artisticos e materiais?

Não queremos pôr aqui a nossa opinião. Lembramos apenas que o Teatro Nacional não pode continuar em *crise*. Urge que o governo encare o problema e o solucione.

A continuar, porém, a organisação existente, dois assuntos interessam sobremaneira:

Quem vai substituir Lino Ferreira?

Quem vai ocupar as vagas abertas na Sociedade Artistica pela perda irreparavel de Joaquim Costa e de José Ricardo?

O lugar que Lino Ferreira abandonou é pouco tentador, pelas razões apontadas acima.

Não abundam os Mecenas e são muitos os escolhos a vencer: intrigas, vaidades, protecções, etc., etc.

Para as vagas de José Ricardo e Joaquim Costa ha já, segundo nos consta, os seguintes pretendentes: Carlos Santos, Joaquim de Oliveira, Antonio Pinheiro, Otelo de Carvalho, Joaquim Prata e Carlos de Oliveira.

Segundo opinião dum societario devem ser escolhidos Carlos Santos e Joaquim de Oliveira, o primeiro por ser um grande mestre de teatro, mais para orientar do que trabalhar, o segundo por ser um dos artistas novos que mais se tem afirmado ultimamente.

Ha, no entanto, dentro da Sociedade Artistica, figuras que é preciso manter, senão elevar. Uma delas é Rafael Marques, que, liberto amanhã do tremendo *encargo* de *meteur-en-scene* — será um dos melhores interpretes do teatro classico e mesmo do teatro dos nossos dias.

Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarros e bronquites
Livres de essencias artificiais
Cuidado com as imitações
Pedir em toda a parte
Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso

DESMENTIDOS...

A reportagem do nosso jornal no almoço do Mont'Estoril

Homens publicos, ministros ou não, aparecem de vez em quando a declarar: «eu não disse semelhante coisa». Ou então «o jornalista inventou».

Ha dois anos um politico francês que vinha da America, não sabemos agora se Briand, desmentiu umas declarações que tinha feito. Não era um caso a rectificar. Era um desmentido «por abuso». A afronta foi feita a todo o jornalismo francês, que reclamou, e o politico teve de desmentir o desmentido. Coisa semelhante se passou com Lloyd George.

Nós, que compreendemos que o jornalista se equivoque numa frase, não compreendemos nem acreditamos que jornalista algum, com muitas ou poucas responsabilidades, invente. Compreendemos muito bem que, por motivos superiores de politica e de partido, um homem publico tenha necessidade de «reflectir», e de se «esquecer do que disse».

Já temos desmentido, voluntariamente, depois de um apêrto de mão.

Mas o que não é toleravel é o desmentido publico, calvo, atemorisado, afrontoso. E então—reage-se. Para desculpar uma precipitação ou um desabafo comprometedor vir lançar-se sobre jornais e jornalistas o apôdo gratuito e audacioso de mentirosos—é feio.

Este é um dos precalços a que todos estamos sujeitos. Já uma vez tivemos de desmentir o desmentido de um ilustre politico, honrado e nosso amigo. Quanto isso foi doloroso!

Agora ouvimos que se quere desmentir as afirmações de um almoço, cuja reprodução, mais palavra menos palavra, foi toda exacta, fiel, honesta, só pecando por voluntaria deficiencia, ante a gravidade de certas afirmações.

Se se salva uma situação ou um compromisso politico com isso de desmentir jornalistas num local onde eles não têm voz—vamos, que se faça, mas depois de um previo entendimento, que evite que o publico venha a julgar uma destas duas cousas obscenas: que um jornalista é pouco escrupuloso, ou que um ministro o é inda muito menos.

Arquitecto Cosmeli de Sant'Ana

Por ter sido incorporada na Escola Industrial de Bernardino Machado, da Figueira da Foz, a Escola Comercial da mesma cidade, deixou de exercer o cargo de Director daquela Escola o arquitecto e professor Cosmelli de Sant'Ana, que por uma questão de principios, não concordou com a medida posta em execução, visto entender ser prejudicial aos interesses do ensino tecnico, e, por concurso, foi transferido do seu lugar de professor da mesma Escola, para a Escola Industrial Machado de Castro, de Lisboa, indo ocupar a vaga deixada pelo falecido professor Vitor Bastos.

DE LUTO

D. Joana da Veiga Vilaça de Sousa

Faleceu esta madrugada a sr.ª D. Joana da Veiga Vilaça de Sousa, viuva do sr. Augusto de Sousa e mãe extremosa dos srs. José Vilaça de Sousa e Augusto Vilaça de Sousa e das sr.ªs D. Maria Vitoria Vilaça de Sousa e D. Luzia de Sousa Freire de Menezes, esposa do tenente de cavalaria sr. João Freire de Menezes. O funeral realisa-se amanhã, pelas 15 horas, da rua Visconde de Valmor, n.º 32, 3.º.

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75—Rua de S. Paulo—77

Teatro Salão Foz
ALEXANDRE DE AZEVEDO
em novás canções dos mais ilustres autores portugueses
TERESITA NACIONAL
FINA KARENNE

A Cidade

TIVOLI Telefone N. 5474
HOJE · A'S 8 3|4 · HOJE
O PRINCIPE ENCANTADOR
A CASA SOLARENGA
Uma panoramica e uma ciné-farça

UM CONFLITO

O jornalista Mayer Garção responde a Luiz Derouet

Do nosso presado amigo e distinto jornalista sr. Mayer Garção recebemos a seguinte carta endereçada ao nosso colega na imprensa sr. Luiz Derouet, em resposta á publicada no «Diario de Lisboa», de ha dias:

Meu caro Derouet. — Permita-me que lhe diga que a minha primeira tenção, depois de ler a sua *Carta aberta*, que o *Diario de Lisboa* publicou, foi a de não lhe responder. Mas como depois me viesse á ideia que isso poderia ser levado á conta de menos consideração pelo meu amigo, de quem tantas provas de consideração tenho recebido, sem jámais deixar de lhas retribuir, imediatamente puz de lado essa primitiva resolução. Mas quando o meu amigo, com máis tranquilidade, reflectir sobre o caso, não julgará que ela fôsse desacertada.

Que se ganha com este *dize tu, direi eu?* Fala o meu amigo em polemica, e não sei mesmo se considera qualquer coisa desse genero a carta que eu escrevi a Urbano Rodrigues simplesmente pela necessidade de não deixar a ninguem o direito de supôr que, se a *Manhã* existisse, e eu a dirigisse, ela patentearia um criterio diverso daquele que eu venho manifestando ha muito no *Mundo*. Certamente, nunca a v. tal passou pela ideia; mas era possivel haver ainda quem, desconhecendo o meu caracter, me julgasse capaz dum procedimento dessa natureza.

Pensa v., hoje, de maneira diferente da minha? Que se lhe ha-de fazer! Mas, alguma vez, jugulou o seu pensamento aquilo a que pitorescamente chama o meu dogmatismo, ou alguem lhe exigiu adesões e parcialidades que o seu espirito não partilhasse? Creio que nunca. Assim como ninguem me pediu a mim para defender uma determinada política, com v. sucedeu exactamente o mesmo. Pelo contrario: v. não duvidava, como confessa, declarar-se a todo o momento adverso á orientação do *Mundo*, e todavia a sua situação nesse jornal foi sempre caracterizada pelas considerações que merece.

Se dizer isto é estabelecer polemica com v., meu caro Derouet, então não sei já o que sejam polemicas. Certo é que o vou propositadamente esquecendo, embora, por vezes, me saiam ao caminho certas criaturas que a isso me pretendem levar, sem se lembrarem do que são. Consinta-me este orgulho: quem terçou armas, em discussões elevadas, com Silva Pinto, com José de Alpoim, com João Lucio, com Heliodoro Salgado, com José Caldas, não poderia hoje esperar, de nenhuma forma, erguer a sua modesta personalidade a maiores alturas. Não, meu caro Derouet; nada de polemicas, e, sobretudo, com os amigos! Dizia mestre Hardouin que com elas nada se ganhava, porque nunca se convencia um contendor. E é verdade.

De tudo isto sabe, Derouet, o que me surpreende? E' que v., certamente por momentaneo olvido das praxes jornalisticas, levasse as suas lucubrações epistolares para outras folhas, não porque não sejam dignas delas, mas porque não havia sido recusada publicidade no *Mundo* á que inicialmente escreveu. Isso é que um dia lhe ha-de doer, sendo, como é, um profissional distinto, e assim nos obriga a vagabundear, incomodando os colegas, atrás da sua apreciavel, mas dispersiva loquacidade. E ha-de doer-lhe tambem como republicano porque, afinal de contas, dos seus apelos á união de todos os republicanos, á força, apenas resulta uma nova, ainda que pequena, desunião. Por isso, quando, em tempos, eu

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

AS CONTAS DO ESTADO

O general Norton de Matos foi intimado a restituir dinheiro ilegalmente recebido quando foi Alto Comissario em Angola?

Sem quaisquer intuitos de provocar escandalo—processo baixo de fazer jornalismo—tentámos hoje averiguar, nas estações oficiais competentes, o que ha de positivo na noticia que, em forma de interrogação, colocámos ao alto destas colunas.

As estações oficiais competentes para dizerem da sua justiça limitavam-se ao gabinete do ministro das Colonias, á contabilidade do referido ministerio e á comissão de inquerito, fiscalisação e arrolamento, á extinta Agencia Geral de Angola.

Eis as estações oficiais—cada uma com os seus segredos burocraticos de dificil e quasi impossivel penetração—que o jornalista se deu ao cuidado de percorrer esta tarde, embora com fracas esperanças de vitoria.

Tratando-se, porém, dum assunto de gravidade, dum assunto de interesse nacional, visto incidir sôbre o tesouro publico, não nos permitimos o direito de o abandonar.

Começámos pelo gabinete do ministro das Colonias. Era ainda cedo. Nem ministro, nem chefe de gabinete.

Em vista disso, galgámos a escada que conduz á contabilidade, e pedimos para ser recebidos pelo respectivo chefe.

Esperamos os minutos da praxe. Saem e entram continuamente empregados com folhas de algarismos. Uma dactilografa introduz-nos, servindo amavelmente de continuo.

Fazemos a pregunta, ladeando a questão, salientando, sobretudo, a importancia do assunto.

Resposta imediata:

Tenha paciencia, mas não sou a pessoa indicada para lhe poder responder. O assunto é demasiado grave para ser tratado no ar...

—Por isso mesmo é que solicitamos quaisquer informações.

—Aqui não—é absolutamente impossivel. De resto, mesmo que pudesse dizer-lhe qualquer coisa, nada sabia a tal respeito.

—Quem nos pode indicar para ser ouvido?

—Talvez a comissão de inquerito á extinta Agencia Geral de Angola.

—Muito obrigado.

* * *

A referida comissão de inquerito funciona no predio da rua da Prata, onde esteve instalada a extinta Agencia de Angola e onde funciona agora, no segundo andar, a Agencia Geral das Colonias. Composta de três individualidades, dois juizes de direito, e um oficial da Administração Militar, nenhum destes estava presente quando chegámos.

O continuo manifesta a sua curiosidade lançando-nos a seguinte pregunta:

—O senhor é testemunha?

—Felizmente não.

Pouco tempo depois chegava o presidente da comissão, dr. Moncada, com quem imediatamente travámos o dialogo—o dialogo dificil que ali nos levava.

—Quando tencionam concluir o inquerito a que estão procedendo?

—E' muito possivel que em fins de Setembro esteja concluido.

—Falta apenas...

—Receber de Angola as ultimas deprecadas.

—Têm sido interrogadas muitas testemunhas.

—Poucas. Tem sido um trabalho exaustivo conseguir a sua comparencia.

—Negam-se?

—Não se apresentam no devido praso de tempo. Agora esperamos uma, importante, que deve vir sob prisão — unica forma de a trazer aqui.

—O inquerito abrange tambem os actos praticados pelo sr. Norton de Matos?

—Isso já pertence ao segredo do oficio. A comissão tem por fim dar o seu parecer, apresentar o seu relatorio sobre o que foi a Agencia Geral de Angola. Se isso se relaciona ou não com a administração do sr. Norton de Matos, é caso de reserva, que a seu tempo se saberá.

Exposição de Arte

Deverá ser inaugurada no proximo sabado, na rua do Carmo, 17 e 19 (ao Chiado) uma exposição dos desenhos e aguarelas originais, com que Alfredo Candido ilustrou a edição de luxo de «A Catedral», de Manuel Ribeiro, ilustrações que constam de aspectos e motivos da Sé de Lisboa.

Coliseu dos Recreios

Não arrefece o entusiasmo do publico pelos magnificos combates de luta que estão a efectuar-se no Coliseu dos Recreios e que ali chamam farta e curiosa concorrencia.

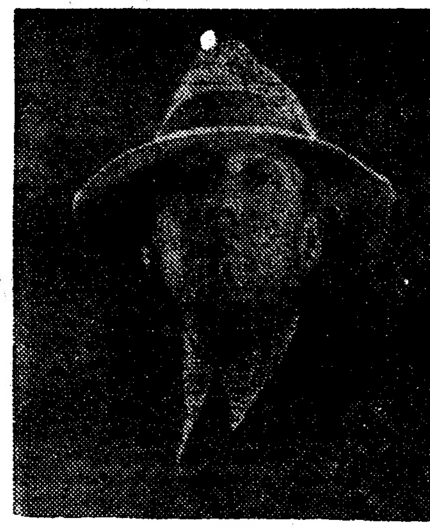
As lutas anunciadas para hoje são as seguintes: o forte alemão Stebzenwald contra o notavel campeão português Manuel Gonçalves; o italiano Travagiani contra o espanhol Rati e o espanhol Bastarrica contra o francês Devilliers.

W. CASAES & C.IA L.DA
ENGENHEIROS
MOTORES, MAQUINAS INDUSTRIAIS E AGRICOLAS
MATERIAL ELECTRICO
TELE{FONE—N. 5571 / GRAMAS—CASAESCO
RUA DA PALMA, 185 a 189
LISBOA

Pelos teatros

Antonio Bôtto

Antonio Botto, que é na moderna literatura contemporanea um grande artista e um altissimo poeta, autor de livros que têm merecido rasgados elogios no «Times» de Londres, nos jornais de Paris, e em toda a imprensa



ANTONIO BOTTO

de Madrid, tomará parte na «2.ª Festa do Fado» cantando versos seus á guitarra.

Esta simples noticia que bastaria para encher o elegante teatro S. Luiz, tem ainda ou ro sensacional atractivo: Antonio Boto escreveu, para essa noite um admiravel episodio num acto «Por causa do Fado» que será representado por dois dos nossos melhores actores, e emoldorado em scenarios modernistas do distinto pintor Jorge Barradas.

«Ditosa Patria»

A revista «Ditosa Patria», em scena no Teatro da Trindade, aparece hoje acrescida de um quadro novo, intitulado «Meios de Transporte» e de uma apoteose denominada «Auto-Salão», tomando parte nela todos os artistas da companhia e terminando com uma vistosa «Marcha dos automoveis», na qual toma parte toda a companhia. Nascimento Fernandes e Augusto Costa oferecem hoje novas surpresas, cantando-se egualmente coplas novas no «Dueto dos Politicos». Os scenarios do quadro e da apoteose novos são da autoria do scenografo Eduardo Reis, filho.

Atrás do reposteiro

Com a peça «A Malquerida» estreou se ontem, em Setubal, a Nova Companhia de Declamação, sob a direcção do dramaturgo Alfredo Cortez. Hoje subirá á scena a peça «A Apaixonada».

—Consta que o grupo de artistas que estava trabalhando no teatro Nacional á data do falecimento de José Ricardo tenciona prosseguir na exploração do mesmo teatro e cumprir os contratos que aquele tinha firmado, na provincia para o mês de setembro.

—Diz-se que uma senhora que, ha tempos, fez a sua estreia no Coliseu dos Recreios como cantora, será um dos elementos artisticos do teatro da Trindade na epoca de inverno, empresa Conceição Silva, Limitada.

—A parceria Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos tem colocação, no inverno, de uma opereta para a Companhia Satanela Amarante; uma revista para o Eden Teatro, e ainda uma revista para o teatro Maria Vitória.

—Está doente o actor comico Silvestre Alegrim, da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

—Está bastante incomodado de saude, na sua casa em Sintra, motivo porque não poude comparecer no funeral de José Ricardo, o escritor sr. Lino Ferreira.

—Partiu para o Gerez, a fazer uma cura de aguas, o escritor teatral sr. Ernesto Rodrigues.

—Está em Londres, donde deve regressar a Paris, demorando-se ali até ao final do mês corrente, a actriz Maria de Vasconcelos.

—A peça «O menino do Castelo» é apenas da autoria do sr. Lourenço Rodrigues, não tendo nela colaborado, como se disse, o escritor sr. Xavier de Magalhães.

—O emprezario Antonio de Macedo está trabalhando já na exploração do teatro Maria Victoria, no inverno, organisando o elenco e o reportorio.

—A Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha deve fazer a sua estreia no teatro Apolo, no mês de outubro, com a peça «O Saltimbanco», de Antonio Enes.

—A resolução do emprezario José Loureiro de não ter mais companhias de sua conta, não o impedirá de continuar fazendo as suas antigas explorações no Brazil e de trazer a Portugal, mercê de varias combinações, algumas companhias estrangeiras, que visitarão Lisboa e Porto.

TEATRO da TRINDADE
Emp. JOSE' LOUREIRO TELEF. C. 876
Hoje ás 20-45 e 22-45
A desopilante revista
Ditosa Patria

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3044
HOJE ás 8-30 e 10-30
A aplaudidissima revista
RATAPLAN!
em recitas da moda

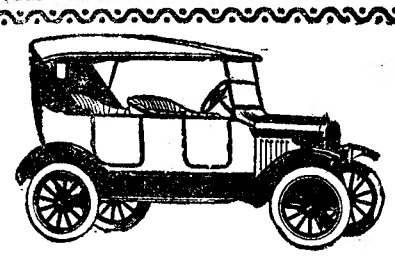
EDEN TEATRO Telef. N. 3800
Empresa Conceição Silva, Ltd.
Hoje ás 21-30 Hoje
A CIDADE ONDE A GENTE SE ABORRECE
Ampliada com o episodio A' BICA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
HOJE, ás 21-30 em ponto
O LEAO DA ESTRELA
Protogonista, CHABY PINHEIRO
Extraordinario exito de gargalhada

Diario de Lisbôa
Assinaturas de ferias
Numerosos leitores queixam-se de não encontrarem o «Diario de Lisboa» nalgumas estações termais e praias.
Desde hoje o «Diario de Lisboa» põe á disposição daqueles que o pedirem assinaturas de ferias a $30 o numero (livre do correio) pelo praso minimo de quinze dias.

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
FAZEM-SE DIVERSOS
FABRICAÇÃO GARANTIDA
182—RUA DA ROSA—190

HUGO STINNES LINIEN
Com destino a
Vigo e Hamburgo
sairão os seguintes paquetes:
"Holm"
em 8 de Agosto.
Recebendo passageiros de intermediaria, 3ª classe e carga para Hamburgo.
"General Belgrano"
em 15 de Agosto.
Recebendo passageiros de Intermediaria, 3ª classe em camarotes, 3.ª classe e carga para Hamburgo.
Os Agentes
Bettencourt, Limitada
Rua da Prata, 8, 2.º — LISBOA
Telef. C. 4394 End. Teleg. STINAVIGAR


carro que lhe pode dar maior satisfação
pelo seu reduzido preço
pelo rendimento do seu motor de 22 HP
pelo diminuto consumo de gazolina
menos de 10 litros aos 100 Km.
Modelo 1925
Ford
EL AUTO UNIVERSAL
Carros de turismo Camionettes Tractores Fordson
UNICA AGENCIA OFICIAL EM LISBOA
CORTE REAL, L.DA
Rua de S. Julião, 23, 1.º, D. (séde provisoria)
Telef. C-3419 End. telegr. ZEZERE

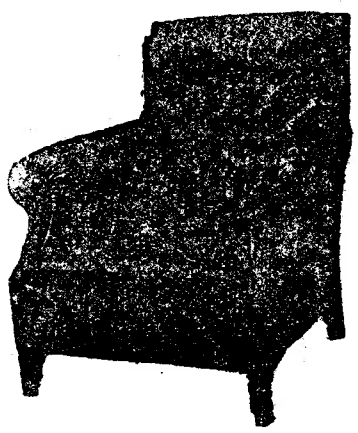
Meninas
e todas as donas de casa que desejem mudar os seus vestidos de cor escura para mais clara podem fazel-o comprando um
WIKI WIKI
Marca Registada
tubo do afamado Descorante Lipsia, tingindo-os depois na cor que desejarem com as Anilinas Allemãs marca «Wiki», á venda em todas as drogarias de Portugal e nos depositos.
Vendas por grosso, Sampaio & Rodrigues, R. da Magdalena, 113, 2.º, Lisboa. Adriano Duarte, R. Dr. S. Viterbo, 110, Porto.

GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO - LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES:
RIO DE JANEIRO 1908 ANVERS 1894 LONDRES 1908 LISBOA 1888 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUES 1918, ETC.
Vinho Nutritivo de Carne
E o melhor tonico nutritivo que se conhece, fortificante, reconstituinte, desenvolvendo rapidamente o apetite, enriquece o sangue e fortalece os musculos. O seu uso é indispensavel em todas as convalescenças e casos de fraqueza geral.
E' hoje o tonico mais recomendado pelos Medicos.
Mais de 30 anos de resultados sempre eficazes. Um calix deste vinho representa um bom bife.
DEPOSITO GERAL - FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 174 - LISBOA
A VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. da Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas.

FORD
Automoveis e camionetes
para ENTREGA IMEDIATA
C. SANTOS, LTD.A
Rua Nova do Almada, 88
LISBOA

MOVEIS
Preços resumidos
3 MOBILIAS 3 — 4.400$00
29 peças
Quartos desde 2.200$00.
Casas de jantar desde 1.450$00.
Escritorios desde 1.100$00.
Salas desde 800$00
Grande «stock» e variedade em mobilias e moveis desirmanados.
Agradece a quem tiver a amabilidade de vir visitar este novo estabelecimento que mais barato vende.
ARMANDO SANTOS
29 a 33, Rua das Gaveas, 29 a 33
Ao Camões

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.A (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082


Dr. Manuel Barbosa
CLINICA GERAL
RUA DO OURO, 191

BRILHANTES
e toda a especie de joias quem compra pelo mais alto preço é sem duvida a joalheria
BARRETO & GONÇALVES, LTD.
17 — RUA EUGENIO DOS SANTOS — 17
Antiga Rua de Santo Antão
(PRIMEIRA OURIVESARIA VINDO DO ROCIO)
TELEFONE N. 3759

Pinto, Sancho & C.ª L.da

A firma Pinto, Sancho & C.ª Lt.ª, com escriptorio nesta cidade, na travessa do Corpo Santo, 21, 1.º andar, participa aos Ex.mos clientes e amigos e ao comercio em geral que tendo o Ex.mo Sr. **Eduardo José Sancho**, pela necessidade de passar a dirigir negocios seus, deixado de ser procurador d'esta firma — logar em que sempre se houve com toda a competencia, zelo e honestidade — foi eleito para seu gerente o Ex.mo Sr. **Antonio Miranda do Amaral**.

Os unicos socios da firma Pinto, Sancho & C.ª Lt.ª.

Em representação do falecido socio Custodio José Sancho, a viuva inventariante e cabeça do casal Teresa Dias Sancho, o outro socio Joaquim José Sancho.

(Segue o reconhecimento).

A'S SENHORAS
Usem o «Créme Roial»
O produto mais perfeito para a higiene e conservação da pele.
A' venda em todas as drogarias.
Deposito: R. da Rosa, 269

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Caminhos de Ferro do Estado

Concurso para a adjudicação da venda de uma caldeira de vapor

ANUNCIO

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 22 deste mez pelas 13 horas, perante a direcção dos caminhos de ferro do Sul e Sueste e na sua sede, rua de S. Mamede n.º 43, ao Caldas, Lisboa, se ha proceder a concurso publico para a adjudicação da venda de uma caldeira usada, do vapor «Alemtejo I».

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das tesourarias dos caminhos de ferro do Estado, até ás 15 horas do ultimo dia util anterior ao do concurso o deposito provisorio de 437$50.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio no praso de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessaria para prefazer 5 % da importancia total da mesma adjudicação constituindo, assim, um deposito definitivo que por intermedio da direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depositos onde ficará á ordem da mesma direcção.

Este reforço deverá efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realisado o deposito provisorio, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilisada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o caminho de ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes no serviço de armazens geraes, calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa e na direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 16 horas.

Lisboa, 23 de julho de 1925.

Pelo engenheiro chefe do serviço de armazens geraes
(a) Julio José dos Santos

Dr. RAMOS PASSOS
INTERNO DOS HOSPITAIS
Clinica medica
CONSULTA A'S 4 HORAS
R. das Chagas, 30. Telef.: Trindade 485

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

DE PARIS

—o o o—

TÊM DE ser conhecidas as relações dos "soviets,,

com a III Internacional...

PARIS, 6

Diz se que o governo francês, antes de iniciar negociações economicas com o governo dos «soviets», tinha considerado necessario obter esclarecimentos explicitos sobre os laços da III Internacional comunista com o governo sovietico.

Por outro aldo, correm boatos, que foram espalhados relativamente á reunião em Setembro, duma conferencia da Inglaterra, da Belgica, da Italia e ta «Petite Entente» com o fim de se formar um bloco anti-sovietico.

Herbette, embaixador sovietico em Paris, depois de ter consultado o seu gogerno, informou oficialmente o conselho dos comissarios do povo no ministerio dos Negocios Estrangeiros de que estas informações eram destituidas de todo o fundamento. — (H).

A proxima viagem

de Briand á capital inglesa

PARIS, 6

Nos circulos politicos e diplomaticos assevera se que o sr. Briand partirá na proxima segunda feira para Londres, acompanhado por um grupo de peritos.

Diz se ainda que além do problema do pacto de segurança, serão tratadas as questões de Tanger, da China e de Mossul, bem como a regulamentação das dividas inter-aliadas.

Se ficar estabelecido o acordo sobre o texto da resposta francesa á nota alemã relativa ao pacto de segurança, aquela será, provavelmente, entregue em Berlim entre 15 e 20 do corrente. — (L.)

PARIS, 6

As negociações entre o sr. Pierre Laval, ministro das Obras Publicas, e os empregados das minas dominiais do Sarre, tiveram como resultado chegar se a um acordo definitivo, terminando definitivamente o conflito. Os referidos empregados receberão, assim como os mineiros, um aumento de 5 por cento nos seus vencimentos. — (H.)

PARIS, 6

O conselho dos embaixadores deliberou ontem, definitivamente, a evacuação das chamadas cidades de sanção, Dusseldorff, Buisburg e Ruhrort. — (L.)

PARIS, 6

Foi processado por incitar soldados á desobediencia, o deputado comunista Doriot. — (L.)

Hoje é chic, é do bom tom
A's 5, tomar BEM-BOM

Castelo de Vide

Estancia hidrologica de 1.ª ordem para tratamento de estomago, rins, intestinos e pele.
Numerosas fontes de aguas alcalinas, ferreas, etc. com composições diversas.

Hotel das Aguas

Instalações modernissimas; maximo conforto; cosinha excelente.
Pensão normal de 40$00 a 60$00

CASTELO DE VIDE é servida por um dos melhores horarios de caminhos de ferro: *dois* rapidos por dia para Madrid.
Serviço de automovel, privativo do Hotel, na Estação.

UMA ENTREVISTA SENSACIONAL

O Kronprintz AFIRMA que a raça branca está em perigo

de ser subjugada por negros e amarelos

Numa entrevista dada, em Berlim, a Lady Drummond Hay, enviada especial do «Daily Express», declarou o «ex-Kronprintz» da Alemanha:

—A Inglaterra e a Alemanha são alia das logicas e naturais. Prosperaram juntas no passado, e oxalá que possam prosperar juntas no futuro! O meu ideal é atingir esse, e serei feliz por poder pensar que tenho contribuido para tal. Se eu o não conseguir, tenho esperança de ver os meus filhos prosseguir nos meus esforços. Quero libertar a Alemanha da calunia de ter sido a responsavel da guerra, por que, em consequencia desta calunia, ha ainda, na Inglaterra, preconceitos contra a Alemanha. Afirmo que eles não têm razão de ser, porque, com efeito é anormal que, dois aliados naturais tenham, entre si, tais malentendidos. A minha maior ambição é destruir estes preconceitos.

Depois, franzindo as sobrancelhas, o herdeiro do trono alemão acrescentou:

—Oswaldo Spengler tem razão. A Europa é como uma velha que se veste como rapariga. A nossa civilização ocidental está decadente. A não ser que a Europa se restaure e se torne possante, a raça branca será subjugada, cedo ou tarde, pelas raças amarela e negra Acredito que a Inglaterra deve agora convencer-se de que cometeu um erro, quando mandou vir as suas tropas de côr, para nos combater, durante a guerra. Ensinou assim aos seus soldados negros tudo quanto eles desejavam saber da guerra moderna, e iniciou-os no misterio das metralhadoras e da organização.

E, apontando um exemplo de hoje:

—Vêdes agora os resultados disso em Marrocos, onde os Rifenhos incomodam os Franceses. Tendes um resultado semelhante na India e em todo o Oriente. Cada ano que passa, aumenta o perigo. Eu não sou um «alarmista», e não acredito que a civilização ocidental desapareça nos nossos dias, mas os acontecimentos actuais levar-nos hão a isso, a não ser que nós nos agrupemos.

O filho do Kaiser lamenta que a derrota da Alemanha e a queda dos Hohenzollern o impeçam de viajar livremente:

—Como eu invejo o principe de Galles! Que feliz! Póde ir onde quere. Tambem eu gosto de viajar e de ver o mundo, mas isso, é me impossivel, não é verdade? Emfim, talvez um dia isso me seja permitido de novo.

Tendo lhe Lady Hay, perguntado o que contava fazer aos seus três filhos, o Kronprintz respondeu que o mais velho, o principe Willelm, será agricultor, apesar do seu desejo de ser soldado.

—Compreende que, agora, não ha lugar para ele no exercito.

O principe Luis Fernando dedica-se ao comercio, e o seu pai tenciona enviá-lo a Hamburgo e á America.

O mais novo, quere dedicar-se ás florestas:

—As florestas alemãs, diz o Kronprintz, são uma das riquezas do nosso paiz, e a sua exploração moderna é uma verdadeira sciencia.

E como passasse perto da janela e visse alguns alemães, disse:

—Eu gosto de ver passar esta gente. A Nação alemã é verdadeiramente maravilhosa. Qual se levantaria tão completamente e tão rapidamente. Sinto me feliz com o meu povo; sinto orgulho em ser alemão; sinto orgulho pelo Reich de hoje. Agora, tenho que me dedicar aos meus interesses.

Miniaturas em bronse

Reprodução d'alguns trabalhos do insigne miniaturista Francisco Elias, das Caldas da Rainha. Exposição permanente até ao proximo dia 10, na CASA BASTOS SILVA, LIMITADA, Rua de S. Nicolau, 81.

Vejam

os saldos de fim de estação
da **Sapataria Chiado**
Rua Garrett, 98

!! SENHORAS !!
Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar
Usai os "Ovules Sterelisatrices" Z. O. L.
Enviam-se instruções por correio em carta fechada
A' venda no depositario geral para Portugal e Colonias Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e nas Farmacias A. Marinho & C.ª, Lda., Rua Eugenio dos Santos, 86 a 90; Farmacia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto, Farmacia Central, de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 203

MARROCOS

—o o o—

NÃO HA oficiais alemães a auxiliar Abd-el-Krim

diz uma nota oficiosa

BERLIM, 6

Um comunicado oficioso declara destituidas de fundamento as informações aparecidas na imprensa estrangeira, dando oficiais alemães como auxiliares de Abd-el-Krim.

Este comunicado acrescenta que nunca fez parte do Estado Maior alemão qualquer oficial chamado Forster, como se não encontra no exercito alemão qualquer oficial com o nome de Tannemberg. —(H.)

O inimigo

fugiu desordenadamente...

RABAT, 6

Os grupos moveis procederam a uma operação de libertação das regiões Norte e Nordeste, onde recentemente se haviam efectuado infiltrações e ataques contra as habitações e quintas isoladas.

No decurso desta acção, o inimigo foi atacado no macisso de Azjen, onde se havia fortemente entrincheirado.

A manobra combinada de infantaria e dos carros de assalto surpreendeu completamense o adversario, que abandonou a posição e fugiu desordenadamente, deixando mais de sessenta cadaveres.

A Este, o grupo movel que abasteceu os postos de Kelana Les Siess e de Moulay Ali voltou á sua base, depois de ter feito face a um combate. —(H)

... mas os rifenhos

passaram as linhas franco-espanholas

TANGER, 6

Apesar de todos os esforços empregados pelas tropas francesas, as tropas de Abd-el-Krin, habilmente comandadas, romperam bastante as linhas de vigilancia franco-espanholas, proximo de Tetuão.—(L.)

RABAT, 6

M.me Lyautey foi a Ouezzan, onde, em nome da Cruz Vermelha, ofereceu aos feridos dons de toda a natureza e visitou as enfermarias da Associação das Mulheres Francesas.—(H)

RABAT, 6

O general Waulin que andou inspecionando a frente de batalha, regressou hoje a Fez. —(L)

Policlinica DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—**Dr. Armando Narciso**—4 h.
Cirurgia geral, operações—**Dr. Bernardo Vilar**—4 h.
Rins, vias urinarias—**Dr. Miguel Magalhães**—10 h.
Pele e sifilis—**Dr. Correia de Figueiredo**—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—**Dr. R. Loff**—4 h.
Doenças dos olhos—**Dr. Mario de Mattos**—1 h.
Garganta, nariz e ouvidos—**Dr. Mario Oliveira**—3 h.
Estomago e intestinos—**Dr. Mendes Bello**—3 h.
Doenças das senhoras—**Dr. Emilio Paiva**—2 h.
Tratamento da diabetes—**Dr. Ernesto Roma**—5 h.
Boca e dentes—**Dr. Armando Lima**—10 h.
Raios X—**Dr. José de Padua**—4 h.
Cancro e radio—**Dr. Cabral de Melo**—4 h.
analises clinicas—**D. Gabriela Beato**—4 h.

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	97$00	97$25
Paris	—	$95
Madrid	—	2$90
New-York	—	20$05
Amsterdam	—	8$07
Suiça	—	3$90

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL

	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	$91
Italia	—	$73
Praga	—	$60
Brazil	—	2$38
Libra esterlina	98$00	100$00
Agio do ouro	—	—

A POLITICA DA TARDE

Quais são as 4 questões imediatas que vão preocupar o governo

Como tinhamos previsto, o governo Domingos Pereira obteve na Camara mais do que uma simples espectativa benevola; conseguiu uma quasi unanimidade de aplausos, visto que até os que em franca oposição lhe falaram, o fizeram em termos de amistosissima simpatia pessoal. O que se visou ontem em S. Bento, não foi o governo. Foi o mais alto magistrado da Nação. E na sessão, que se norteou sempre por uma alta linha moral e mental, tendo o sr. Cunha Leal produzido um discurso modelar, tão modelar e tão elevado, que não sofreu uma unica interrupção nem da mesa nem dos outros parlamentares, duas notas ha que é preciso salientar, porque elas são demasiadamente expressivas: a ausencia do sr. Antonio Maria da Silva, ex-presidente de ministerio, e a posição que tomou para com o Chefe do Estado o Partido Nacionalista.

* * *

Está, pois, assegurada a vida governamental do novo governo nas suas relações com o Parlamento. Hoje, regeitar se ha por uma maioria de 30 a 35 votos, a moção de desconfiança Pedro Pita, e consta nos que o sr. dr. Domingos Pereira fará um discurso de perfeita acalmação, limando arestas, desfazendo mal-entendidos, procurando até, com a sua costumada diplomacia, desfazer equivocos que lhe não pertencem. Feito isto, que a todos contentará, o governo terá diante de si campo aberto ás suas preocupações e aos seus desejos.

* * *

O que irá fazer o governo Domingos Pereira?

Supomos poder afirmar que o novo governo vai procurar resolver imediatamente os seguintes pontos:

1.º — A questão da barra do Guadiana, que hora a hora toma aspectos da maior gravidade afectando a vida, o socego e a prosperidade de toda a provincia algarvia.

2.º — O imediato e rapido julgamento dos implicados nos movimentos de 18 de Abril e 19 de Junho de maneira a que, ao iniciar se o periodo eleitoral, já muito proximo, êsses casos se encontrem liquidados.

3.º — A liquidação imediata, pela liberdade aos que estiverem inocentes e pelo rapido julgamento dos que estiverem incriminados, de todos os processos existentes sobre presos por questões sociais, principalmente no que respeita aos que foram deportados pelo sr. Vitorino Godinho quando ministro do Interior.

4.º — Um outro problema, reputado essencial para a vida do Paiz, vai preocupar o governo pela pasta do comercio: o problema gravissimo das nossas estradas a que o sr. dr. Nuno Simões que já por varias vezes tratou do caso como ministro e como parlamentar, e que o conhece em todas as suas modalidades e exigencias, dará agora o melhor da sua inteligencia e da sua energia, a fim de que a solução de tão momentoso assunto não fique apenas em palavras.

Eis os quatro pontos principalissimos a que o governo, segundo as nossas informações, se vai entregar logo que esteja liquidada a sua apresentação em S. Bento.

* * *

Faz hoje 6 anos que foi eleito por 123 votos, para o cargo de Chefe do Estado, o sr. dr. Antonio José de Almeida. No segundo escrutinio o sr. Manuel Teixeira Gomes, actual Presidente da Republica, e então candidato do partido unionista, obteve 31.

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO
COM AGENTES NO BRASIL
Consultas das 10 ás 11 e das 15 ás 17

R. DOS FANQUEIROS, 114

"Blague,, ou realidade?

A caça ao lobo DA SERRA DE SINTRA

Foi o nosso colega «Diario de Noticias» quem primeiro descobriu o lobo na amena e pacifica Serra de Sintra, que ha muito perdera as suas realengas tradições cinegeticas. A imaginação popular, assustada com as hecatombes da fera, em montados e redis, julgou ao principio tratar-se dum leão, depois, dum casal de leões, mais tarde, dum lobo.

O animal, misteriosamente, percorria de noite Sintra e o seu termo, mais como uma sombra, do que como uma realidade cruel e sanguinaria. Houve quem acreditasse e houve quem duvidasse.

Venceram os primeiros, e com eles os jornalistas que se têm apaixonadamente ocupado do caso.

A primeira pessoa que viu a fera foi um rapaz da Quinta da Penha Longa, que ontem, pelas 7 horas da manhã, atravessava o Vale de Cavalos. Tão assustado ficou, que fugiu, abandonando o farnel que levava. Uma rapariguinha, filha de Lino Macaco, da Malveira, que seguia montada num burro, viu tambem o lobo. Gritou apavoradamente. Acudiram-lhe cinco trabalhadores que andavam perto, organizando-se então, uma pitoresca caçada. A fera, perseguida de perto, refugiou-se numa caverna do Monte Murado.

Os trabalhadores tinham apenas como armas, enxadas e forquilhas. Durante horas e horas esperaram que o lobo saisse do fojo, tendo chegado a fazer uma fogueira de enxofre. O lobo, que não quiz comprometer a sua segurança, preferiu sofrer os incomodos sufocantes do fumo. Como o bicho não aparecesse, os trabalhadores abandonaram o local, para mais tarde voltarem com um aguerrido exercito de caçadores. Durante a noite de ontem e o dia de hoje, o Monte Murado esteve cercado. Sintra e arredores vivem horas de febre e de anciedade. A todo o momento chegam automoveis e «side-cars».

As estradas — parecem estradas militares, em epocas de mobilização geral.

Para quando o recontro entre os homens e a fera? Não se sabe ainda, mas póde ser dum instante para o outro.

O jornalista do «Diario de Lisboa», que se encontra no campo de batalha, ouviu hoje dizer que não se trata dum lobo, mas dum casal, com descendencia, tantas têm sido as mortes e os estragos causados pelas desalmadas feras, nos rebanhos e coelheiras. Ha dois mesês a esta parte, morreram ou desapareceram 70 cabeças de gado, pertencentes 16 a Augusto Silva, proprietario da Quinta de Vale de Cavalos; 14 a Armando Augusto Alves, da Quinta do Pizão, e algumas a José Amaral e Antonio Policarpo.

Diario de Lisbôa

publicará hoje em

2.ª EDIÇÃO

uma importante entrevista com o ministro da Marinha

ácêrca do incidente da Foz do Guadiana

e o relato da sessão parlamentar

Um conflito jornalistico

(Continuação da 4.ª pagina)

sai igualmente do *Mundo*, abandonando a sua saudosa camaradagem e dos outros nossos colegas, que lá ficaram — não porque se bandeiassem, mas simplesmente porque concordavam com aquilo com que eu não concordava, e que me levou a uma divergencia com o seu director, o meu velho companheiro França Borges, de quem, de resto, fiquei sempre amigo — nem pedi a publicação no *Mundo* da carta que então lhe enviei, explicando as razões da minha saida. Entendi que nem a minha obscura personalidade, nem o facto em si, trivial na vida jornalistica, mereciam uma resonancia qualquer e, muito menos, um barulho estrepitoso, mais ou menos forçado, de escandalo.

Não lhe parece, Derouet, que é bom não perder o sentimento das proporções? Não podemos apresentar estes casos como acontecimentos europeus. Eu, pela minha parte, assim o pensei e assim o penso. E como, no caso presente, nem ha a receiar a perda duma situação jornalistica, visto que, felizmente, v. passa do jornal do nosso comum amigo, Urbano Rodrigues, para o jornal do nosso comum amigo, dr. Alberto Xavier, que não deixará de apreciar devidamente os seus meritos, não vislumbro, realmente, no que se passa, nenhum laivo de tragedia.

Só sinto, como já disse, o desgosto da perda da sua camaradagem; mas não é minha a culpa. Se v., no *Mundo*, vinha ha um ano discordando duma orientação com a qual, ha o mesmo espaço de tempo, eu concordava e concordo, como toda a gente sabe, visto que essa concordancia a tenho firmado publicamente com o meu nome.

Meu caro Derouet: parece que já chamam para aí a este acervo de epistolas que se encastelam sôbre um incidente fragil como uma bola de sabão — «a nova guerra do Alecrim e da Mangerona.» Fiquemos por aqui, não acha? Ai de nós, se estes perfumes de bucolica inocencia se vissem substituidos pelo cheiro acre e violento das sangueiras belicas, como, por exemplo, na *Guerra das Duas Rosas*! E não deixe de me considerar

Velho e grato amigo
Mayer Garção.

OS BILHETES DO TESOURO

Foram hoje interrogadas algumas das testemunhas de acusação

O julgamento dos implicados na falsificação dos bilhetes de tesouro que hoje prosseguiu no velho edificio da Boa Hora, tem foros de sensacional.

A's 12 horas, o juiz, dr. Sena Sarmento, apesar da ausencia dos advogados e do delegado do ministerio publico, toma logar na tribuna.

São 13,30 horas. Está reaberta a audiencia! exclama o oficial de diligencias de comprido e rodado capindó.

A's 14 horas, os advogados rodeiam a tribuna do delegado dr. Lobo Silva e conversam sobre o caso que ontem se passou com o agente Vieira dos Santos.

* * *

O Juiz: — Os srs. advogados fazem favor de tomar os seus logares! Oficial, declare aberta a audiencia... Então não ouve?

—Estou a falar com uma testemunha.

—Não tem nada que falar com as testemunhas! Faça o que eu lhe mando!

* * *

Começa a inquirição das testemunhas de acusação.

O delegado interroga a testemunha Antonio dos Santos Garcia.

—O que sabe?

—Como o caso se passou ha muito tempo, pouco me lembro.

—Mas diga o que se lembrar, em relação ao réu Miranda.

—Não sei.

—Então, o senhor não foi empenhar um titulo?

—Mas ignorava que ele era falso.

—Por quanto o empenhou?

—Por sete contos. Ele valia 15.

—Foi por essa razão que foi preso?

—Sim, senhor.

—Recebeu logo o dinheiro?

—Metade no mesmo dia e o restante no outro.

—Foi o senhor que se ofereceu á policia para prender os acusados?

—Não, senhor. Foi o agente Pereira dos Santos que mandou carregar as pistolas a quatro agente para me obrigar a exercer o papel de denunciante.

—Parece impossivel! O agente Pereira dos Santos que é uma pessoa que gosa dum prestigio tão grande nesta cidade de marmore e granito, exerce violencias sobre as testemunhas para lhes arrancar confissões... Já ontem oito testemunhas se quaixaram de que foram vitimas de violencias cometidas por esse agente, que Lisboa em peso defende...

O dr. Monteiro a interrogar:

—O sr. Garcia era empregado do sr. Miranda?

—Sim, senhor.

—Não compreendo a razão porque a senhora testemunha que cometeu o mesmo delicto que o meu constituinte estivesse apenas presa duas horas.

* * *

A's 14,20 o juiz suspende a audiencia sob o fundamento de que se encontra no tribunal desde as 11 horas e ainda não tinha almoçado.

As nossas farmacias modernisam-se

Pelo paquete italiano «Martha Washington» das carreiras directas da America, chegou de Nova-York uma interessante instalação electrica para efeitos luminosos destinada aos jantares á americana e festas nocturnas no Palace Hotel da Curia e no Palace Hotel do Bussaco.

Esta instalação, que é igual ás dos hoteis Waldorf Asteria, Commodore e Pensilvania de Nova York, e do Claridge's Hotel de Paris, vai com certeza causar grande sensação no nosso pais, por ser de grande efeito artistico e não ser conhecida em Portugal.

Centro Fotografico de Lisboa
LUIS ROSA
233, Rua da Prata, 235

Material fotografico dos melhores fabricantes, aos mais baixos preços do mercado.

Esta casa continua revelando **gratuitamente** todas as peliculas nella compradas.